

Rosae

desvelando um dativo

Rosa Virgínia Mattos e Silva

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

SILVA, RVM. Rosae: desvelando um dativo. In LOBO, T., CARNEIRO, Z., SOLEDADE, J., ALMEIDA, A., and RIBEIRO, S., orgs. *Rosae: linguística histórica, história das línguas e outras histórias* [online]. Salvador: EDUFBA, 2012, pp. 25-30. ISBN 978-85-232-1230-8. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.



All the contents of this chapter, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-Non Commercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste capítulo, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de este capítulo, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.



Rosae: desvelando um dativo

Rosa Virgínia MATTOS E SILVA

Universidade Federal da Bahia /CNPq

PROHPOR

Que é um acto poético, perguntou o rei, Não se sabe, meu
senhor, só damos por ele quando aconteceu.

José Saramago, *A viagem do elefante*

Introduzindo

Quando, em oito de dezembro de 1991, escrevia o texto que viria a ser a plataforma do *Programa para a História da Língua Portuguesa* (PROHPOR), a ser enviado ao CNPq, ouvia o ritmo baiano que, trazido pelo vento, vinha da festa da Conceição da Praia. Perguntei-me então: quem virá a ler o que se propunha no fim do século XX, a não ser os técnicos do CNPq? Porque, quando um poeta escreve um poema, saberá ele quem o lerá? Não escrevi o texto a ser enviado ao CNPq em forma de poesia – nem o saberia, nem o poderia. Contudo, o objetivo principal do PROHPOR era e é “a reconstrução do passado do português, das suas origens e, a partir do século XVI, voltar-se-ia para a história do português brasileiro ou do Brasil”. Sem destinatário definido, nasceu o Grupo de Pesquisa PROHPOR. E foi um parto fácil e agradável.

1 Por que *Rosae*?

Este breve excursus sobre a morfologia nominal do latim deve-se ao fato de ter havido alguma confusão quanto ao nome com que o Congresso foi batizado: “Congresso de Rosa...” Não: “Congresso para Rosa”. Então, me pareceu necessário desvelar a flexão *-ae*: se o <a> é a vogal temática da 1ª declinação ou paradigma, o que está representado por <e>, com valor fonético da semivogal [y], representava tanto o genitivo, como o dativo singular, também o nominativo e o vocativo plural do primeiro paradigma ou declinação.

A língua latina apresentava uma morfologia forte, isto é, as funções sintáticas se expressavam pela flexão nominal, mas as suas descendentes românicas apresentam uma morfologia fraca, sendo representadas as funções sintáticas ou por preposições ou pela ordem das palavras ou sintagmas na sentença. Ficou elegante a escolha de *ROSAE* para denominar este Congresso, melhor do que “para Rosa”.

Contudo, gostaria de deixar claro que o Congresso, que ora se inicia, não é “para Rosa”, ou seja, eu própria. Este Congresso, a meu ver, homenageia o Grupo PROHPOR, que já está com cerca de vinte anos, jovem, persistente e produtivo.

No início de 1990, precisávamos ter projetos de pesquisa para a obtenção da Dedicção Exclusiva. Começava assim, sem que o soubéssemos, a gestação do PROHPOR. O embrião desse Grupo foram os projetos de Therezinha Barreto, de Sônia Bastos Borba Costa, de Maria do Socorro Netto e o meu. Em inícios de 1992, agregaram-se ao Grupo Tânia Lobo, Dante Lucchesi e Ilza Ribeiro, os três ainda professores da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). Os sete professores enunciados acima, reunidos, decidiram que enviariam ao CNPq os seguintes projetos: o de Tânia Lobo, *Fontes para a sócio-história do português brasileiro*; o de Dante Lucchesi, *Banco informatizado de textos (BIT-PROHPOR)*; o de Ilza Ribeiro, *O efeito V2 no português arcaico* (tema de sua tese de doutoramento a ser defendida na UNICAMP); o meu, *A variação ser/estar e haver/ter no período arcaico do português*; o de Therezinha Barreto, *As conjunções no período arcaico do português* (tema de sua dissertação de Mestrado, então em andamento) e o de Sônia Bastos Borba Costa, *Os advérbios na história do português*. Com esses projetos, nos apresentamos ao CNPq, para solicitar um Auxílio Integrado. Concedido este, compramos o primeiro computador para pesquisa do Instituto de Letras da UFBA, uma impressora matricial e conseguimos duas bolsas de Aperfeiçoamento Científico. Não mais existem auxílios integrados, nem bolsistas de Aperfeiçoamento Científico no CNPq.

Por sugestão de Tânia Lobo, para afinar a orquestra, ou seja, o grupo original do PROHPOR, iniciamos um projeto coletivo sobre a *Carta de Pero Vaz de Caminha*, que resultou em nossa primeira coletânea, *A carta de Caminha: testemunho linguístico de 1500*, publicada pela EDUFBA, UEFS, EGBA, em 1996.

2 A expansão progressiva do PROHPOR

A expansão se deu não só no que se refere ao número de pesquisadores, mas também em relação à titulação. No início, só eu tinha o famigerado título de Doutor (um parêntese: “famigerado”, porque tal exigência levou a que surgissem Doutores e doutores, ou seja, a quantidade prejudicando a qualidade). Logo depois, Ilza Ribeiro doutorava-se pela UNICAMP, Tânia Lobo e Dante Lucchesi – ainda não professores concursados da UFBA – foram fazer seu Mestrado na Universidade de Lisboa, sob a orientação de Luís Filipe Lindley Cintra. Tendo falecido esse ilustre e respeitável romanista, voltaram os dois, também esgotada a bolsa, e concluíram suas dissertações em Salvador, sob minha supervisão, tendo defendido seus trabalhos na Universidade de Lisboa.

Se o Auxílio Integrado durara três anos, logo foi mudada essa sistemática, em 1995, e, daí por diante, de dois em dois anos, nos apresentamos ao CNPq, para relatórios e novos projetos, também para os Diretórios de Pesquisa.

Em 1996, dois acontecimentos favoreceram o PROHPOR: 1) A nova estruturação do Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística (PPGLL) e 2) O início do *Projeto Para a História do Português Brasileiro* (PHPB), liderado por Ataliba de Castilho.

Explicitarei o porquê do favorecimento: a reestruturação do PPGLL permitiu a vinda de professores estrangeiros e brasileiros para os chamados Seminários Avançados III. Foi por isso que pudemos convidar Ian Roberts, Anthony Kroch, Ana Maria Martins, entre os estrangeiros, e Ataliba de Castilho, Maria Luíza Braga, Mary Kato, Martha Scherre, entre vários outros, e, no último semestre, Carlos Alberto Faraco. Esse fato permitiu que, sem sair daqui, ouvíssemos vozes diferentes, que renovavam, não só a Pós-Graduação, como também os membros do PROHPOR, que sempre assistiam aos Seminários, mesmo que não fossem a isso obrigados.

O início do PHPB reforçou uma das orientações do nosso grupo de pesquisa. Com seus seminários, em geral bianuais, estávamos amarrados a um rumo que nos fazia pensar e escrever sobre o português brasileiro, quer sobre a sua sócio-história, quer sobre mudanças que ocorreram em nosso passado e, sobretudo, a necessidade da construção de *corpora* de documentação do PB, para as necessárias análises linguísticas. Por outro lado, esse projeto nacional desviou o rumo do grupo da Bahia, que deixara de lado a história do português em nosso Estado, antes Capitania (século XVI), depois Província (século XIX).

O projeto coletivo que se seguiu ao da *Carta de Caminha* foi sobre o *Português quinhentista*, em que um dos objetivos foi delimitar a fronteira final do período arcaico, antigo ou medieval da língua portuguesa. Esse projeto constituiu uma nova coletânea – *O português quinhentista: estudos linguísticos* – publicada pela EDUFBA, em 2002. Essa coletânea foi organizada por mim e pelo então doutorando Américo Venâncio Lopes Machado Filho, que foi meu orientando de Mestrado e de Doutorado. Sua dissertação, já publicada, tratou da pontuação em manuscritos medievais e em seu Doutorado fez duas edições de um *Flos sanctorum* (Manuscrito Serafim da Silva Neto) e um circunstanciado glossário de mais de 500 páginas. Na coletânea quinhentista, já aparecem o nome e a contribuição de novos membros do PROHPOR, como sejam, as doutoras Rosauta Poggio e Anna Maria Nolasco de Macêdo, as mestres Sílvia Santos Gonçalves e Iraneide Costa, o referido Américo Machado Filho e a bolsista de Iniciação Científica Eliéte Oliveira.

A coletânea seguinte já demonstra a dispersão temática do PROHPOR. Não se baseou em um projeto coletivo, como as anteriores. Foi organizada pelos doutores Sônia Bastos Borba Costa e Américo Venâncio Lopes Machado Filho e publicada em 2004, pela EDUFBA. Novos autores aí aparecem – membros do nosso grupo de pesquisa –, tais como Lucas Santos Campos, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), ainda mestrando, hoje doutor, orientado pela doutora Therezinha Barretto, o doutorando Klebson Oliveira, hoje fazendo seu pós-doutoramento, Mariana Fagundes de Oliveira,

ainda mestranda, hoje quase doutora (no momento em Lisboa, com bolsa-sanduíche, sob orientação de Ana Maria Martins), Dílceia Sampaio, doutoranda, Eliéte Oliveira, já mestranda, e a doutora Emília Helena Portella Monteiro de Souza. Se lermos o sumário da referida coletânea, veremos a dispersão temática e teórica a que me referi: trabalhos gerativistas, outros funcionalistas, outros sociofuncionalistas, que se centram ou no português arcaico, ou no brasileiro do século XIX e contemporâneo. Não foi sem razão que a referida coletânea se intitula *Do português arcaico ao português brasileiro*.

Nova coletânea está em curso, organizada pelos doutores Klebson Oliveira e Juliana Soledade e pelo mestrando Hirão Cunha e Souza. Juliana Soledade fez seu Mestrado e Doutorado sobre a sufixação no português arcaico. Outro projeto coletivo concluído, cujo livro será lançado neste Congresso, sob o título *África à vista: dez estudos sobre o português escrito por africanos no Brasil do século XIX*, foi coordenado por Tânia Lobo e Klebson Oliveira, com base na documentação da Sociedade Protetora dos Desvalidos (SPD), editada por Klebson Oliveira, parte em seu Mestrado, parte em seu Doutorado, tendo como foco a morfossintaxe que essa documentação apresenta.

Hoje o PROHPOR tem os seguintes projetos: O BIT-PROHPOR, que vai devagar, mas não morreu, o *Projeto Gramaticalização na história do português*, coordenado pela Doutora Sônia Costa; o *Projeto Todos os nomes*, sob a coordenação da Doutoradas Tânia Lobo, Juliana Soledade e Aurelina Ariadne Almeida e de que participam os bolsistas Permanecer, da CAPES, Ana Carolina Horta de Souza, Sônia Cristina Martins Ferreira e Letícia Laxon. Há, ainda, o *Projeto DEPARC (Dicionário etimológico do português arcaico)*, coordenado por Américo Machado Filho.

Quanto às orientações de doutorado, comigo estão Eliéte Oliveira, Antônia Vieira, Maria da Conceição Hélio Silva e Pedro Daniel Souza. Américo Machado Filho orienta o doutorado de Genésio Seixas Souza e os mestrados de Laurete Guimarães e Hirão Cunha e Souza; Tânia Lobo orienta os mestrados Ana Sartori Gandra, Luciana Dias Moreira Ramos e Wagner Carvalho Argolo Nobre, tendo concluído, recentemente, Nilzete Rocha o Mestrado, sob sua orientação. Foi, ainda, co-orientadora de Luís Gomes, que teve como orientadora em seu Mestrado a doutora Sônia Bastos Borba Costa, que também orientou o Mestrado de Regina Bittencourt. Therezinha Barreto orienta as doutorandas Joalêde Bandeira e Eva Maria Nery.

Quando o PROHPOR começou, solicitávamos de dois em dois anos bolsas. Apenas dois bolsistas de cada vez, que juntos iam construindo o BIT-PROHPOR. Foram muitos; não mencionarei nenhum para não deixar outros de fora. Entretanto, surgiram as bolsas PIBIC, do CNPq, da CAPES ou da FAPESB e PERMANECER/CAPES. Hoje temos os já mencionados bolsistas PERMANECER e ainda Cristiane Santos Pereira, Catarina Rosa Soares, Lisana Rodrigues Trindade Sampaio, Hérwickton Israel de Oliveira Nascimento, além dos que estão na fila. Esses últimos trabalham com o português arcaico, sob orientação de Américo Machado Filho.

Para não deixar de fora o grupo da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), liderado pelas doutoras Zenaide Carneiro e Norma Lúcia Fernandes, que têm os seus bolsistas. Da mesma forma, na UESB, Lucas Santos Campos tem os seus.

Um preocupação minha atual é o fato de que não seguimos a nossa rota de reconstituição do português da Bahia, pelo menos no que se refere à sócio-história. Contudo, eu e a doutora Emília Helena Portella de Souza temos trabalhado nessa linha, aos poucos tratando da demografia, da escolarização e do contato linguístico, primeiro na Província da Bahia no século XIX, com trabalho apresentado no *VII Seminário do PHPB* de Londrina, e depois na Capitania de São Jorge dos Ilhéus, com trabalho apresentado na ALFAL de 2008, em Montevideu. Continuaremos com a Capitania de Porto Seguro. Do semiárido, Zenaide Carneiro e sua equipe já trataram do mesmo tema. Recentemente, contactei um professor da UESB, Jorge Augusto Alves da Silva, que se mostrou interessado em pesquisar nessa linha no sudoeste baiano.

Neste ano, solicitou bolsa ao CNPq Américo Machado Filho, com projeto individual, que trata de uma edição interpretativa e glossário da versão D dos *Diálogos de São Gregório* (Manuscrito da Livraria 522, hoje no IANTT), já que a edição diplomática a fez o pesquisador no seu Pós-Doutorado em Coimbra, a qual foi publicada pela EDUFBA, em 2008, com o título *Diálogos de São Gregório: edição e estudo de um manuscrito medieval português*. Contudo o CNPq, embora tenha considerado o mérito do projeto, não concedeu a pleiteada bolsa. Também solicitou bolsa ao CNPq a doutora Tânia Lobo, com o projeto individual *Reconstruindo a história da penetração das populações indígenas brasileiras no mundo da cultura escrita (1759 a 1834)*, tendo por base a documentação do Projeto Resgate. Seu pedido não foi deferido pelo CNPq.

O que considero muito importante em nosso Grupo de Pesquisa é que há uma inter-relação entre os que sabem mais e os que sabem menos. Como alguns bolsistas pretendem editar textos medievais, precisam de saber de filologia, além de linguística e de história da língua portuguesa, para interpretarem com adequação o que leem; fazem disciplinas sobre esses assuntos, leem o que se apresenta como necessário, pedem ajuda aos que sabem mais.

Não poderia deixar de destacar o interesse dos bolsistas em participar de congressos. Vão sempre às suas expensas e, como são na maioria pobres, esforçam-se por juntar dinheiro para alcançar o que pretendem. Até a congressos internacionais, como o da ALFAL em Montevideu, já foram eles, no caso elas: Ana Carolina Horta de Souza, Sônia Cristina Martins Ferreira, Irany Sacerdote de Souza Silva, Verônica de Souza Santos (agora mestrande). Considero isso admirável, porque não há como o PPGLL subsidiar tais viagens.

Para terminar

De fato tem sido prazeroso coordenar esse grande grupo de pesquisa. Trabalhoso não foi, nem é, porque o que se faz com prazer não dá trabalho. Comecei com o ritmo da Festa da Conceição em oito de dezembro de 1992. Parece que Nossa Senhora da Conceição protege o PROHPOR, veja-se que a Presidente deste Congresso é Tânia Conceição Freire Lobo, nascida no dia 8 de dezembro.

Agradeço a todos, especialmente ao querido e numeroso grupo que organizou este Congresso. Quando lhes digo que quem procura trabalho é trabalhador, respondem: “Mas é um prazer, Rosa”. Se é “um prazer”, ainda mais grata fico.